

SOBRE FORMA E CONTEÚDO NO DIÁLOGO DE *PYTHIAE ORACULIS*, DE PLUTARCO*

Camila Bylaardt Volker^a

RESUMO

O presente artigo apresenta a tradução de alguns excertos do diálogo *Por que a Pítia não vaticina mais em versos?*, de Plutarco. Tendo como ponto de partida as diversas comparações que os dialogantes fazem para discutir a forma oracular, abordamos a relação entre a composição do diálogo e a composição dos proferimentos oraculares.

PALAVRAS-CHAVE: Plutarco; Delfos; oráculo.

Recebido em: 28/11/17

Aprovado em: 02/03/18

Seguindo o molde indireto de alguns diálogos platônicos,¹ *o De*

* Esse artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida na Faculdade de Letras da UFMG, inicialmente orientada pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, a quem sou imensamente grata, e, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação em Literatura da FALE/UFMG, orientada pelo professor Jacyntho Lins Brandão, a quem também devo meus mais sinceros agradecimentos.

^a Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ William A. Johnson escreveu um artigo sobre este assunto, *o Dramatic frame and Philosophic idea in Plato*, no qual argumenta que “the elaborate indirectness of the dramatic frame means to reflect, and to make vivid for the reader, not only the remove between written representation and the doing of philosophy, but also the remove between perceptible and Ideal world as suggested in Plato’s vision of the Ideas” (JOHNSON, 1998, p. 577). Em Khôra, Derrida (1995) faz uma longa reflexão sobre a forma indireta que inicia alguns diálogos platônicos, com um foco especial sobre o *Timeu*.

Pythiae Oraculis,² de Plutarco,³ começa quando Basílocles pede a Filinus que reproduza completamente uma conversa acontecida na noite anterior. Antes de reproduzir a conversa que Basílocles desejava ouvir, Filinus comenta que, naquela ocasião, as palavras foram ditas lentamente, como se tivessem sido especialmente escolhidas para se adequar àquele debate, que aconteceu enquanto os dialogantes caminhavam, acompanhando um estrangeiro em sua visita ao santuário de Delfos. Participaram do diálogo Sarapião, um poeta estoico de Atenas; Boethos, um matemático epicurista; Téó, o condutor da conversa; Diógenos, um jovem estudante estrangeiro; o próprio Filinus, narrador do diálogo, além dos guias oficiais do santuário.

Na primeira seção do *De Pythiae Oraculis*, Basílocles abre espaço para que Filinus conduza a palavra, transmitindo o que foi discutido na ocasião do debate — o estilo indireto da transmissão é uma estratégia discursiva do diálogo, que pretende manter em movimento uma técnica⁴ oracular que também se constitui dessa maneira. Com efeito, o santuário de Delfos era um monumento de orientação, a razão de uma viagem, em que se poderia ouvir um conselho inspirado por Apolo. Esse movimento discursivo é perceptível no diálogo de Plutarco; uma questão se coloca e, com base nela, vários discursos e pensamentos vão transitar no texto até que Téó tome a palavra (seria uma espécie de violência platônica? – cf. DERRIDA, 1995, p. 61-62) e conduza a discussão. A questão principal que se apresenta é: Por que a Pítia não faz mais seus oráculos em versos?

² Para realizar a tradução, consultamos a edição de Robert Flacelière (PLUTARQUE, 1974), mas utilizamos o texto em grego estabelecido na edição de Frank Cole Babbitt (PLUTARCH, 1969). Fizemos comparações com a edição de Francisca Pordomingo Pardo e José Antonio Fernández Delgado (PLUTARCO, 1995), autores da tradução espanhola.

³ Plutarco (c.a. 46 – 120 d.C.), nasceu em Queroneia, na Beócia. De sua extensa obra, temos apenas 50 biografias, as *Vidas* ou *Vitae Paralleleae*, e cerca de 70 *Obras Morais* ou *Moralia*. Plutarco serviu ao oráculo de Delfos como sacerdote; provavelmente, neste período, escreveu os seus três diálogos píticos: o *E de Delfos*, o *Por que a Pítia não vaticina mais em versos* e *Sobre a desapareição dos oráculos*.

⁴ A discussão em torno da técnica oracular invoca várias terminologias que não são utilizadas ao acaso no diálogo. Técnica, forma, conteúdo, transmissão, movimento — todos esses termos aparecem plenos, intimamente ligados ao tipo de produção que as técnicas oraculares invocam ou impõem.

De uma maneira muito didática, com exemplos acessíveis, discute-se sobre os meios através dos quais os conteúdos assumem formas. A forma, nesse contexto, possui uma aceção transitiva, móvel, corruptível. Em um primeiro exemplo, as 37 estátuas de Lisandro e seus oficiais, que ficavam próximas à entrada do recinto sagrado de Delfos, servem como motivo para a indagação sobre a interação do bronze com o ar. O ar corrompe e enferruja o bronze, mas também é o que lhe garante nuances de cores e iluminação surpreendente. Mesmo que seja coberto com o azeite (substância pura que freia o movimento da corrupção), a interação do metal com o óleo é também produtora de luz e cor. As imperfeições e a corrupção conferem beleza à forma metálica; assim, o metal funciona de acordo com a sua própria natureza (cf. PLUTARCH, 1969, seções 2, 3 e 4).

Em outro exemplo, o teatro entra em cena, com a menção da atuação com de máscaras. O discurso da personagem ganha forma através daquele que a interpreta, assumindo as vestimentas e a máscara que o papel exercido lhe impõe. A interação entre o ator, a máscara, o público e o texto garantem o caráter móvel do teatro (cf. PLUTARCH, 1969, seção 20). Os instrumentos musicais — mais um exemplo — possuem uma técnica específica de manuseio para produzir seus acordes e tons. Por meio deles, a pessoa que toca expressa a sua natureza, mediada pela configuração de um instrumento e de uma melodia (cf. PLUTARCH, 1969, seção 21).

A luz do sol, que miticamente evoca uma relação com a luz de Apolo, deus do Sol e deus promotor da inspiração delfica, quando é refletida pela lua, muda de natureza por causa desse meio de reflexão: torna-se fria, com outra potência, pálida e fraca, pois assume características da lua (cf. PLUTARCH, 1969, seção 21).

Assim, a Pítia, ao funcionar como um instrumento através do qual a luz do deus em relação ao porvir é refletida, impõe sobre essa luz suas características próprias. Essa reflexão não é estática e nem dada *a priori*. A indumentária com a qual a Pítia vestirá os proferimentos oraculares é móvel, corruptível e se adapta às situações, assim como as moedas nas trocas financeiras ganham e perdem valor, assim como a poesia e a prosa servem, em diferentes situações, como indumentárias mais ou menos adequadas a um discurso (cf. PLUTARCH, 1969, seção 24).

Essas situações de reflexão e dispersão modificada são tentativas de trazer o funcionamento do oráculo de Delfos — uma técnica oracular que movimenta e se deixa movimentar de acordo com as variáveis estabelecidas nas consultas. Devido à natureza ambivalente do proferimento oracular, não é possível elaborar respostas conclusivas para a questão formal colocada. De fato, como atesta o diálogo, a maior parte das respostas se conformava em prosa (cf. PLUTARCH, 1969, seção 23). Mas o metro da poesia servia também como amarra para uma cadeia de transmissões orais dos proferimentos. Os exemplos utilizados compõem uma série de analogias relativas ao funcionamento oracular, ou fazem ver, em outro contexto, como certas tensões se comportam. A analogia parece ser, então, uma estratégia discursiva que atua em diferentes níveis do diálogo, desde a caracterização do procedimento oracular, através de exemplos, até o próprio comportamento dos dialogantes. A dicotomia entre forma e conteúdo aparece no início do diálogo como uma abertura para que os exemplos se coloquem.

A série de analogias que exemplifica o funcionamento do oráculo confere à discussão novas diretrizes para a abordagem de um problema que é muito mais complexo do que a princípio pareceria ser. Se a Pítia sempre se utilizou tanto da prosa como do verso, a questão não estaria somente em determinar a forma, mas em descortinar os mecanismos ou as forças que estão envolvidas na necessidade particular de cada situação de uso. A inspiração da Pítia seria a combinação de dois impulsos, a mulher é compelida simultaneamente por uma força externa — a força divina — e por uma força interna — a própria natureza (cf. PLUTARCH, 1969, seção 21).

Nesse embate de forças, não se pode perder a dimensão bélica que acompanha tanto a confecção do proferimento quanto as condições de consulta. Muitas vezes, o santuário esteve contaminado por déspotas, por meio da oferta de oferendas e ameaças ao seu funcionamento, que influenciavam as respostas dadas (cf. PLUTARCH, 1969, seções 15, 16 e 17)

Além disso, a exemplificação analógica aponta para uma estratégia discursiva do diálogo, que tenderia não para a solução de uma aparente dicotomia entre forma e conteúdo do proferimento oracular.

Essa discussão faz-nos atentar para as influências que podem conduzir um discurso. Assim como as oferendas poderiam servir como influência para a

resposta do oráculo e, em casos de guerra, as alegorias e as metáforas, próprias da poesia, eram utilizadas como recursos para “colocar um manto de ambiguidade” (cf. PLUTARCH, 1969, seção 26) na resposta oracular, vemos que o embate entre as personagens do diálogo é impulsionado por tensões evocadas pela natureza de cada um. As personagens, então, seguindo a própria natureza, “caem” em certos discursos, o que deixa o diálogo bastante digressivo, pois cada uma almeja tensionar a discussão para os seus interesses. Nesse embate de tensões, quem consegue arrematar todos os discursos é Téio, uma personagem de sugestivo nome, capaz de deixar que os outros se movimentem, falem de acordo com a própria natureza, mas que consegue conduzi-los para um fio comum argumentativo.

Um lugar, entretanto, freia a movimentação e a fala das personagens: “Accordingly we went round and seated ourselves upon the southern steps of the temple, looking towards the shrine of Earth and the stream of water, with the result that Boethus immediately remarked that the place itself proffered assistance to the visitor in the solution of the question” (PLUTARCH, 1969, seção 17).⁵ O visitante estrangeiro pede que a caminhada pare para que então a dúvida que move a todos seja resolvida. Esse detalhe é sugestivo: o estrangeiro deseja obter a resposta para uma dúvida — o funcionamento do oráculo também pressupõe uma circunstância similar.

Paulatinamente, a movimentação dos assuntos diminui, assim como a participação das personagens, para que Téio assuma a condução da discussão (cf. PLUTARCH, 1969, seção 19). Poderíamos ilustrar aqui essa ação inibidora de Téio com várias metáforas, mas esse seria mais um artifício para cobrir o movimento do diálogo, para freá-lo, sem atingir a estratégia ali utilizada, ou o “‘regime interno de poder’ que determina o modo no qual os enunciados ‘se governam entre si para constituir um conjunto’” (AGAMBEN, 2010, p. 6). Na estratégia discursiva posta em movimento no diálogo em questão,

⁵ “Nós demos a volta e nos sentamos nos degraus ao sul do templo, olhando para a fonte da Terra e a corrente de água, de maneira que Boethos imediatamente observou que o próprio lugar contribuía com a solução da questão do estrangeiro”. Tradução para o português feita a partir da tradução direta do texto em grego de Frank Cole Babbitt. Disponível em <<http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0007.tlg091.perseus-eng1:17>>. Acesso em 06 de abril de 2018.

os exemplos se sobrepõem numa espécie de acumulação de formas sobre o funcionamento do oráculo. Com tantos dialogantes, exemplos de instrumentos e contaminação, o próprio diálogo simula o efeito délfico: as metáforas recobrem o funcionamento oracular e os proferimentos são envolvidos em narrativas e em redes interpretativas. Como será possível perceber na tradução, vários proferimentos oraculares estão amarrados por narrativas que explicam o contexto das consultas, ou por juízos errôneos ou certos que tensionam o sentido das interpretações posteriores.

Nessas cenas que se encaixam em uma série de receptáculos sem fim e sem fundo, como isolar uma tese, um argumento principal? A estratégia de Téio (ou do próprio Plutarco, por fim), impõe uma topologia, estanca a caminhada discursiva e assume um lugar discursivo. No entanto, os outros discursos permanecem ali, cedendo espaço para que um lugar seja assumido. O oráculo não usaria também essa estratégia discursiva? Um lugar em que diversas forças se movimentam, onde os envolvidos na consulta (o consulente, a pítia, os sacerdotes) dão espaço para a manifestação divina impulsionar o processo? O oráculo não seria um espaço no qual instrumentalizavam a reflexão da expressão divina, mas permanecia, em si, vazio? Ele recebe para transmitir. Ele faz falar, para dar respostas que assumem uma forma que, a princípio, ele não possui. As traduções que aqui se encontram, incompletas, mas expressivas em relação ao conjunto da qual foram retiradas, são instigantes em virtude das questões teóricas que de uma maneira resumida tentei aqui elaborar.

PLUT. *DE PYTH.* 7

[397B] εἰπόντος δὲ ταῦτα τοῦ Σαραπίωνος, ὁ Θεῶν μειδιάσας ‘ὁ Σαραπίων μὲν’ εἶπε ‘τὸ εἰωθὸς ἀποδέδωκε τῷ τρόπῳ, λόγου περὶ Ἄτης καὶ ἡδονῆς παραπεσόντος ἀπολαύσας ἡμεῖς δ’ ὦ Βόηθε, κὰν ἦ <μῆ> φαυλότερα τῶν Ὀμήρου ταῦτα τὰ ἔπη, μὴ νομίζωμεν αὐτὰ πεποιηκέναι τὸν θεόν, ἀλλ’ ἐκεῖνου τὴν ἀρχὴν τῆς κινήσεως ἐνδιδόντος, ὡς ἐκάστη πέφυκε κινεῖσθαι τῶν προφητίδων. [397C] καὶ γὰρ εἰ γράφειν ἔδει, μὴ λέγειν τοὺς χρησμούς, οὐκ ἂν, οἶμαι, τοῦ θεοῦ τὰ γράμματα νομίζοντες ἐπέγομεν ὅτι λείπεται καλλιγραφία τῶν βασιλικῶν. οὐ γὰρ ἔστι θεοῦ ἢ γῆρυς οὐδ’ ὁ φθόγγος οὐδ’ ἡ λέξις οὐδὲ τὸ μέτρον ἀλλὰ τῆς γυναικός· ἐκεῖνος δὲ μόνας τὰς φαντασίας

παρίστησι καὶ φῶς ἐν τῇ ψυχῇ ποιεῖ πρὸς τὸ μέλλον· ὁ γὰρ ἐνθουσιασμός; τοιοῦτόν ἐστι.

καθόλου δ' εἶπειν, ὑμᾶς τοὺς τοῦ Ἐπικούρου προφήτας (δῆλος γὰρ εἶ καὶ αὐτὸς ὑποφερόμενος) οὐκ ἔστι διαφυγεῖν, [397D] ἀλλὰ κάκεινας αἰτιᾶσθε τὰς πάλαι προφήτιδας ὡς φαύλοις ποιήμασι χρωμένας, καὶ τὰς νῦν καταλογάδην καὶ διὰ τῶν ἐπιτυχόντων ὀνομάτων τοὺς χρησμοὺς λεγούσας, ὅπως ὑμῖν ἀκεφάλων καὶ λαγαρῶν μέτρων καὶ μειούρων εὐθύνας μὴ ὑπέχασι.'

καὶ ὁ Διογενιανὸς 'μὴ παῖζ' εἶπεν 'ὦ πρὸς θεῶν, ἀλλὰ διάλυσον ἡμῖν ταύτην τὴν ἀπορίαν κοινήν οὖσαν. οὐδεὶς γὰρ ἔστιν Ἑλλήνων, ὃς οὐκ αἰτίαν ἐπιζητεῖ καὶ λόγον πῶς πέπαιται τὸ μαντεῖον ἔπεισι καὶ λόγοις ἐλεγείσις χρώμενον.'

ὑπολαβὼν οὖν ὁ Θέων 'ἀλλὰ [p. 36] καὶ νῦν' εἶπεν 'ὦ παῖ, δοκοῦμεν ἐπιηρεῖα τινὶ τοὺς περιηγητὰς ἀφαιρεῖσθαι τὸ οἰκεῖον ἔργον. ἔασον οὖν γενέσθαι τὸ τούτων πρότερον, εἶτα περὶ ὧν βούλει καθ' [397E] ἡσυχίαν διαπορήσεις.'

Tradução do parágrafo 7

Depois de Sarapião ter dito essas coisas, Téο, sorrindo, disse: “então Sarapião entregou os pontos, como sempre, na virada, caindo embevecido no discurso sobre a Fatalidade e o Prazer... Mas nós, ὁ Boeto, ainda que estes versos não⁶ sejam mais fracos do que os de Homero, não os consideremos terem sido

⁶ As duas edições consultadas para realização desta tradução diferem quanto à existência da partícula *mé/mí*, ausente na edição de Babbitt (PLUTARCH, 1969) e presente na de Flacelière (PLUTARQUE, 1974). Tal acréscimo, aqui respeitado, com certeza transforma o sentido do texto. Enquanto aqui os versos do oráculo seriam, segundo os comentadores, melhores ou iguais aos de Homero – ideia compartilhada por Flacelière e por Francisca Pordomingo Pardo e José Antonio Fernández Delgado, da tradução espanhola – na tradução de Babbitt os versos oraculares são, segundo os mesmos, piores do que os de Homero. Pode-se pensar que sendo os oráculos sempre piores do que Homero não há motivo para discussão; por outro lado, talvez, até possa ser esse o motivo inicial da conversa. Se os oráculos são piores,

compostos pelo deus, mas é ele, de início, que infiltra o movimento, assim, cada uma das profetisas deixa-se, segundo sua natureza, ser movimentada. E ainda porque, se fosse preciso escrever, não anunciar os oráculos, suponho que, julgando não ser do deus a escrita, a rejeitaríamos — já que lhe faltava o bom estilo dos reis.⁷ Pois não é do deus a voz, nem o som, nem a dicção e nem o metro, mas da mulher; e aquele somente conduz⁸ as imagens⁹ e para a alma leva¹⁰ a luz em relação ao porvir. Pois, então, o entusiasmo é tal e qual”.

“No geral falando, de vós, os profetas de Epicuro (pois é claro que também tu foste arrastado), não há como fugir, e ainda, acusastes aquelas profetisas de antigamente de fazerem uso de composições grosseiras, e as de agora, de proferirem oráculos em prosa com nomes que lhes vêm ao acaso, de modo a não prestar contas para vós dos metros frouxos, abreviados e sem pé nem cabeça”. Então Diógenes disse: “pelos deuses, não brinques, mas dissolve essa aporia que nos é comum. Pois não há um entre nós que não investigue a causa e a razão pela qual o oráculo tem deixado de responder em versos épicos e elegíacos.” E Téo, retrucando: “Mas, agora, disse, além disso, ó menino, é de parecer que descartamos os guias de seu trabalho rotineiro de uma maneira abusiva. Deixa, então, eles primeiro e depois sobre o que desejas, na calma, problematizarás”.

por que são dignos de tanta crença e importância? Ou ainda, em que medida esses oráculos são piores ou melhores? Quanto à métrica, ao conteúdo, à beleza, ou à função social? Essa discussão sobre Homero é retomada no texto quando as personagens do diálogo fazem comparações entre os versos oraculares e a poesia épica em geral.

⁷ É possível que os reis utilizassem fórmulas prontas para proferir suas leis. Isso pode ser pensado a partir de um modelo canônico de processos jurídicos que se estabeleceu ao longo da história.

⁸ Um dos sentidos do verbo *parístemi* é inspirar. No entanto, essa acepção aparece de forma figurada e isolada. De maneira geral, o verbo dá uma ideia de movimento, de “colocar adiante”, “oferecer”, como atesta a combinação do prefixo *par-* e do verbo *hístemi*.

⁹ Em grego, *φαντασίαι*. No caso, traduzir fantasias por imagens é mais adequado, pois imagem não se limita ao que entendemos por fantasia, mas pode também o ser. Fantasia poderia provocar uma interpretação pejorativa da função do oráculo.

¹⁰ O verbo *poiei* tem várias traduções; optei por ‘levar’, que indica melhor o movimento da inspiração e a mistura do deus com a Pítia. De fato, Apolo não produz a luz, mas apenas a leva, já que, sendo ele Febo, seu brilho se mistura com a escuridão da alma da moça. Além disso, se a opção fosse feita pelo verbo ‘produzir’ ou ‘fazer’, não ficaria explícita a interação entre o deus e a mulher, o que daria a entender que a produção do oráculo é apenas divina, contradizendo o argumento defendido no diálogo.

PLUT. DE PYTH. 11

τοιαῦτα τοῦ Βοήθου διελθόντος, ὁ Σαραπίων ‘δίκαιον’ ἔφη ‘τὸ ἀξίωμα περὶ τῶν οὕτως, ὡς λέγει Βόηθος, ἀορίστως καὶ ἀνυποθέτως λεγομένων· εἰ νίκη στρατηγῶ προεῖρηται, νενίκηκεν, ‘εἰ πόλεως ἀναίρεσις, ἀπόλωλεν.’ ὅπου δ’ οὐ μόνον λέγεται τὸ γενησόμενον, ἀλλὰ καὶ πῶς καὶ πότε καὶ μετὰ τί καὶ μετὰ τίνας, οὐκ ἔστιν εἰκασμὸς τῶν τάχα γενησομένων ἀλλὰ τῶν πάντως ἔσομένων προδήλωσις, καὶ ταῦτ’ ἔστιν εἰς τὴν Ἀγησιλαίου χωλότητα·

φράζω δὴ, Σπάρτη, καίπερ μέγαλαυχος εἴουσα,
μὴ σέθεν ἀρτίποδος βλάβη χωλὴ βασιλεία.
δηρὸν γὰρ μόχθοι σε κατασχίσουσιν ἄελπτοι,
φθισίβροτὸν τ’ ἐπὶ κῦμα κυλινδομένου πολέμοιο.

399C καὶ τὰ περὶ τῆς νήσου πάλιν, ἣν ἀνήκεν ἢ πρὸ Θήρας καὶ Θηρασίας; θάλασσα, καὶ περὶ τὸν Φιλίππου καὶ Ῥωμαίων πόλεμου·

ἀλλ’ ὁπότε Τρώων γενεὰ καθύπερθε γένηται
Φοινίκων ἐν ἀγῶνι, τότε ἔσσειται ἔργα ἄπιστα·
πόντος μὲν λάμπει πῦρ ἄσπετον, ἐκ δὲ κεραυνῶν
πρηστήρες μὲν ἄνω διὰ κύματος αἰζουσιν
ἄμιγα σὺν πέτρᾳ, ἣ δὲ στηρίζεται αὐτοῦ
οὐ φατὸς ἀνθρώποις νῆσος καὶ χείρονες ἄνδρες
χερσὶ βησάμενοι τὸν κρείσσονα νικήσουσι.

τὸ γὰρ ἐν ὀλίγῳ χρόνῳ Ῥωμαίους τε Καρχηδονίων περιγενέσθαι καταπολεμήσαντας Ἀννίβαν, καὶ Φίλιππον Αἰτωλοῖς συμβαλόντα καὶ Ῥωμαίοις μάχη κρατηθῆναι, καὶ τέλος ἐκ βυθοῦ νῆσον ἀναδύναι μετὰ πυρὸς πολλοῦ καὶ κλύδωνος ἐπιζέσαντος, οὐκ ἂν εἴποι τις ὡς ἀπήνησεν ἅμα πάντα καὶ συνέπεσε κατὰ τύχην καὶ αὐτομάτως, ἀλλ’ ἡ τάξις ἐμφαίνει τὴν πρόγνωσιν καὶ τὸ Ῥωμαίοις πρὸ ἐτῶν ὁμοῦ τι πεντακοσίων προεπιεῖν τὸν χρόνον, ἐν ᾧ πρὸς ἅπαντα τὰ ἔθνη πολεμήσειεν ἅμα: τοῦτο δ’ ἦν τὸ πολεμῆσαι τοῖς οἰκέταις ἀποστᾶσιν. ἐν τούτοις γὰρ οὐδὲν ἀτέκμαρτον οὐδὲ τυφλὸν ἀμφὶ τε τύχην ζητεῖν ἐν ἀπειρία ὁ λόγος ἀλλὰ πολλὰ τῆς πείρας ἐνέχυρα δίδωσι καὶ δείκνυσι τὴν ὁδόν, βαδίζει τὸ πεπρωμένον. οὐ γὰρ οἴμαι τιν’ ἔρεῖν, ὅτι μετὰ τούτων ὡς προερρήθη συνέπεσε κατὰ τύχην ἐπεὶ τί κωλύει λέγειν ἕτερον, ὡς προερρήθη οὐκ ἔγραψε τὰς Κυρίας ὑμῖν Ἐπικούρος, ᾧ Βόηθε, δόξας, ἀλλ’ ἀπὸ τύχης καὶ αὐτομάτως οὕτω πρὸς ἄλληλα τῶν γραμμάτων συνεμπεσόντων, ἀπετελέσθη τὸ βιβλίον;’

Tradução do parágrafo 11

Uma vez que Boeto deu tal explicação, Sarapião fala: “Sobre esses ditos, assim como diz Boeto de forma indefinida e sem fundamento, é justa a reputação! Se é predita uma vitória a um general e ele vence; se é predita a destruição de uma cidade e ela perece, mas quando não se diz somente o que há de ocorrer, mas também quando, como, depois de que e junto com o quê, isso não é uma conjectura do que logo há de ocorrer, mas uma previsão¹¹ do que de fato há de ser, como foram as coisas sobre a claudicação de Agesilau”:

Reflete, bem, Esparta, apesar de seres cheia de si!
Que de seus ágeis pés não nasça um reino coxo,
pois súbitas fadigas te assaltarão por muito tempo,
e despenca sobre ti mortífera onda de guerra

“E o que se refere à ilha que emergiu no mar em frente a Tera e Terásias e a guerra entre Filipe e os romanos”:

Mas quando a raça troiana cair por cima
dos fenícios, na luta, haverá feitos incríveis.
O oceano brilhará, fogo infinito, dos raios
tormentas no alto, e das ondas, desabarão
misturadas às pedras e nelas firme ficará uma
uma ignota ilha de gente: então, homens vis,
com a força das mãos, vencerão o mais forte.

“Com efeito, em pouco tempo os romanos sobrepujaram os cartagineses, tendo atacado Aníbal, e Filipe, combatendo os etólios e os romanos, em batalha foi vencido. Enfim, do fundo do mar uma ilha emergiu em meio a muito

¹¹ A citação dos versos oraculares neste momento do diálogo tem a função de exemplificar o conceito de previdência ou previsão (προδήλωσις). O termo προδήλωσις significa “declarar ou notificar antes”, o que dá uma aceção imagética às falas oraculares, uma vez que sem o prefixo, chegamos à δῆλος “visível”, “claro”, “evidente”. Uma tradução para este termo em português seria “prever”, que preserva o sentido privilegiado pelo termo em grego.

fogo e ondas ferventes. Ninguém diria que tudo, ao mesmo tempo, se encontrou e juntou por acaso e por si, mas a ordem dos acontecimentos comprova a previsão e também a dos Romanos. O mesmo vale com relação a predizer para os romanos, quase quinhentos anos antes, quando eles poderiam vir a guerrear contra todos os povos de uma vez; foi isso a guerra contra os seus próprios escravos revoltados. É que, nesses casos de inexperiência, não há nada improvável e nem imprevisível para a razão buscar no acaso, mas vem da prática muita garantia, o que mostra a via por onde vai o predeterminado. Não creio que alguém diga que depois deles, tal como anunciados, as coisas se deram por acaso, se não, o que nos impediria de dizer diferente, como foi dito, ó Boeto, que o vosso Epicuro não escreveu as *Máximas Soberanas*, mas, por acaso e por si, de um encontro de letras umas com as outras o livro se completou?”

PLUT. DE PYTH. 19

ὕπολαβὼν δ' ὁ Θεῶν ἄλλὰ ταῦτα μὲν, εἶπε, μέγας ἐσχῆκε τῷ ὄντι παραλλαγᾷ καὶ καινοτομίᾳ· τῶν δ' ἐνταῦθα πολλοὺς ἴσμεν χρησοὺς καὶ τότε καταλογάδην ἐκφερομένους καὶ περὶ πραγμάτων οὐ τῶν τυχόντων· Λακεδαιμονίους τε γάρ, ὡς Θουκυδίδης ἰστόρηκε, περὶ τοῦ πρὸς Ἀθηναίους πολέμου χρωμένοις ἀνεῖλε νίκην καὶ κράτος, καὶ βοηθήσειν αὐτὸς καὶ παρακαλούμενος καὶ ἀπαράκλητος· καὶ Πausανίαν εἰ μὴ καταγάγειν ἄργυρέα εὐλάκα εὐλάξειν· Ἀθηναίους δὲ περὶ τῆς ἐν Σικελίᾳ μαντευόμενος στρατιᾶς προσέταξε τὴν ἐξ Ἐρυθρῶν ἰέρειαν ἀνάγειν τῆς Ἀθηνᾶς· ἐκαλεῖτο δ' Ἡσυχία τὸ γύναιον. Δεινομένους δὲ τοῦ Σικελιώτου μαντευομένου περὶ τῶν υἰέων, ἀνεῖλεν ὡς οἱ τρεῖς τυραννήσειον· ὑποτυχόντος δὲ τοῦ Δεινομένου ὁ ἰομῶξομένοιο γ' ὦ δέσποτ' Ἀπολλων, καὶ τοῦθ' οἱ ἔφη διδόναι καὶ προσαναφρεῖν; ἴστε τοίνυν, ὅτι Γέλων μὲν ὑδρωπιῶν Ἰέρων δὲ λιθίων ἐτυράννησεν ὁ δὲ τρίτος Θρασύβουλος ἐν στάσεσι καὶ πολέμοις γενόμενος χρόνον οὐ πολὺν ἐξέπεσε τῆς ἀρχῆς. Προκλῆς τοίνυν ὁ Ἐπιδάουρου τύραννος ἄλλους τε πολλοὺς ὡμῶς καὶ παρανόμως ἀνεῖλε καὶ Τίμαρχον ἀπ' Ἀθηνῶν παραγενόμενον μετὰ χρημάτων πρὸς αὐτὸν ὑποδεξάμενος καὶ φιλοφρονηθεὶς ἀπέκτεινε, καὶ τὸ σῶμα κατεπόντισεν ἐμβαλὼν εἰς φορμόν· ἔπραξε δὲ ταῦτα διὰ Κλεάνδρου τοῦ Αἰγινήτου, τῶν ἄλλων ἀγνοούντων. ὕστερον δὲ τῶν πραγμάτων αὐτῷ ταρρατομένω, ἔπεμψεν

ἐνταῦθα Κλεότιμον τὸν ἀδελφὸν ἐν ἀπορρήτῳ μαντευσόμενον περὶ φυγῆς αὐτοῦ καὶ μεταστάσεως. ἀνεῖλεν οὖν ὁ θεὸς διδόναι Προκλεῖ φυγὴν καὶ μετάστασιν, ὅπου τὸν φορμὸν ἐκέλευσε καταθέσθαι τὸν Αἰγινήτην ξένον ἢ ὅπου τὸ κέρας; ἀποβάλλει ὁ ἔλαφος. συνεῖς οὖν ὁ τύραννος, ὅτι κελεύει καταποντίζειν αὐτὸν ἢ κατορύττειν ὁ θεὸς (οἱ γὰρ ἔλαφοι κατορύττουσι καὶ ἀφανίζουσι κατὰ τῆς γῆς ὅταν ἐκπέση τὸ κέρας), ἐπέσχεν ὀλίγον χρόνον, εἶτα τῶν πραγμάτων παντάπασι μοχθηρῶν γενομένων, ἐξέπεσε. λαβόντες δ' αὐτὸν οἱ τοῦ Τιμάρχου φίλοι καὶ διαφθείραντες ἐξέβαλον τὸν νεκρὸν εἰς τὴν θάλασσαν. ὁ δ' ἐστὶ μέγιστος, αἱ ῥήτραι, δι' ὧν ἐκόσμησε τὴν Λακεδαιμονίων πολιτείαν Λυκοῦργος, ἐδόθησαν αὐτῷ καταλογάδην. Ἀλυρίου τοίνυν καὶ Ἡροδότου καὶ Φιλοχόρου καὶ Ἰστρου, τῶν μάλιστα τὰς ἐμμέτρους μαντείας φιλοτιμηθέντων συναγαγεῖν, ἄνευ μέτρου χρησμοὺς γεγραφότων, Θεόπομπος οὐδενὸς ἤττον ἀνθρώπων ἐσπουδακῶς περὶ: τὸ χρηστήριον, ἰσχυρῶς ἐπιτετίμηκε τοῖς μὴ νομίζουσι κατὰ τὸν τότε χρόνον ἔμμετρα τὴν Πυθίαν θεσπίζειν: εἶτα τοῦτο βουλόμενος ἀποδείξει, παντάπασιν ὀλίγων χρησμῶν ἠυπόρηκεν, ὡς τῶν ἄλλων καὶ τότε ἤδη καταλογάδην ἐκφερομένων.¹

Tradução do parágrafo 19

Tomando a palavra, Téo disse: “pois estas coisas sofreram, na verdade, grandes mudanças e inovações. Mas dos oráculos daqui sabes que muitos daquele tempo e de agora foram dados em prosa e não são sobre assuntos ao acaso. Aos lacedemônios, com efeito, segundo conta Tucídides¹⁴, quando consultaram o oráculo sobre a guerra contra os atenienses, na resposta saiu vitória e domínio, e ele mesmo, o deus, haveria de prestar socorro, sendo ou não sendo chamado. E se a Pausânias não chamassem, “haveriam de lavrar com um arado prateado”.

¹⁴ Aqui Plutarco cita sua fonte, Tucídides, provavelmente consultado em dois pontos de seu texto (I, 118 e II, 54). Tucídides faz um trabalho interessante com essas duas citações, pois relata o mesmo oráculo sob o ponto de vista dos lacedemônios e dos atenienses, sem que lhe seja alterada a forma. A única divergência é em relação à explicação do proferimento dada por cada uma das partes. Dessa maneira, através desses versos, Tucídides explora os efeitos da mântica, enquanto Plutarco os utiliza como exemplo de oráculos em prosa proferidos em tempos passados.

Aos atenienses, que sobre a expedição à Sicília interrogaram, o oráculo mandou buscar de Eritra a sacerdotisa de Atena: chamava-se Hesíquia (Serena) a mulher. Dinômenes, o siciliano, interrogou sobre os filhos, e o oráculo deu que três deles reinariam como tiranos. Replicando, Dinômenes disse: “hás de lamentar-te também tu, soberano Apolo”. “Isto, a ti”, disse o deus, “comunico e concedo”. Sabei, pois, que Gelão sofria de hidropisia e Hierão de pedras, enquanto reinavam. E o terceiro, Trasíbulo, depois de se ver em meio a guerras e discórdias, passado não muito tempo, foi expulso do poder. Efetivamente, Procles, o tirano de Epidauro, além de muitos que reprimiu de maneira cruel e ilícita, a Timarco, vindo de Atenas com dinheiro, acolheu e tratou com bondade, depois o matou e, em uma cesta, atirou o seu corpo mar abaixo. Procles fez essas coisas por intermédio de Cleandro de Egina, com a ignorância dos demais. Mais tarde, estando perturbados os seus negócios políticos, Procles enviou, em segredo, seu irmão Cleótimo ao oráculo, para perguntar sobre sua fuga e seu desterro. Concedeu, então, o deus, permitir a Procles a fuga e o desterro para a cesta onde mandara o egineta depositar o hóspede ou onde o cervo perde seus chifres. O tirano, pois, entendeu que o deus ordenara que ele se atirasse ao mar ou se enterrasse, pois os cervos enterram e tapam os seus chifres sob a terra quando eles caem. Esperou pouco tempo, pois logo a situação se tornou completamente penosa, e fugiu. Mas os amigos de Timarco, agarrando-o, destruíram-no e atiraram seu cadáver ao mar. E o que é mais importante: as retras, pelas quais Licurgo ordenou a lei aos lacedemônios, foram dadas a eles em prosa. Certamente, Heródoto, Filócoro e Histro, preocupados, reuniram a maioria dos inumeráveis oráculos em verso, registrando também oráculos sem metros, mas, Teopompo, que menos do que nenhum outro homem se preocupou com os oráculos, criticou fortemente aqueles que não acreditavam que, em outros tempos, a Pítia vaticinava em versos. Depois disso, Teopompo, querendo mostrar as provas, encontrou poucos oráculos, pois a maioria, antes e agora, foi produzida em prosa.

PLUT. DE PYTH. 20

ἔνιοι δὲ καὶ νῦν μετὰ μέτρων ἐκτρέχουσιν ὧν ἔνεκα καὶ πρᾶγμα περιβόητον πεποίηκε. μισογύνου γὰρ Ἡρακλέους ἱερόν ἐστιν ἐν τῇ Φωκίδι, καὶ νομίζεται τὸν ἱερώμενον ἐν τῷ ἐνιαυτῷ γυναικὶ μὴ ὀμιλεῖν διὸ

καὶ πρεσβύτας ἐπεικῶς ἱερεῖς ἀπθδεῖκνύθουσι, πλὴν ἔμπροσθεν νεανίας οὐ
πονηρὸς φιλότιμος, ἔρων παιδίσκης, ἔλαβε τὴν ἱερωσύνην καὶ τὸ πρῶτον
ἦν ἐγκρατὴς ἑαυτοῦ καὶ ἔφευγε τὴν ἄνθρωπον ἀναπαυομένῳ δ', αὐτῷ ποτε
μετὰ πότον καὶ χορείαν προσπεσοῦσα διεπράξατο. φοβούμενος οὖν καὶ
ταραττόμενος τὸ μαντεῖον κατέφυγε, καὶ περὶ τῆς ἀμαρτίας ἠρώτα τὸν
θεὸν εἴ τις εἴη παραίτησις ἢ λύσις· ἔλαβε δὲ τόνδε τὸν χρησμὸν
ἅπαντα τὰναγκαῖα συγχωρεῖ θεός.

οὐ μὴν ἀλλὰ δοὺς ἄν τις, ὡς οὐδὲν ἄνευ μέτρου θεσπίζεται καθ' ἡμᾶς,
μᾶλλον διαπορήσει περὶ τῶν παλαιῶν ποτὲ μὲν ἐν μέτροις ποτὲ δ' ἄνευ
μέτρων διδόντων τὰς ἀποκρίσεις. ἔστι δ' οὐδέτερον, ὃ παῖ, παράλογον,
μόνον ἂν ὀρθῶς καὶ καθαρὰς περὶ τοῦ θεοῦ δόξας ἔχωμεν, καὶ μὴ νομίζωμεν
αὐτὸν ἐκεῖνον εἶναι τὸν τὰ ἔπη συντιθέντα πρότερον καὶ νῦν ὑποβάλλοντα
τῇ Πυθίᾳ τοὺς χρησμούς, ὥσπερ ἐκ προσωπειῶν φθηγόμενον.'

Tradução do parágrafo 20

Mas, agora alguns oráculos se fazem com métrica, dos quais um as circunstâncias fizeram célebre. Existe um santuário de Hércules Misógino na Fócida, onde é costume o sacerdote não se relacionar, por um ano, com mulheres e é por isso que designam, normalmente, sacerdotes velhos. Exceto que, há pouco tempo, um jovem que não era covarde, mas ambicioso, estando enamorado de uma jovem, tomou o sacerdócio. Inicialmente, era senhor de si e evitava a moça. Estando ele a descansar, depois de beber e dançar, ela o atacou e realizou seu desejo. Assustado, com efeito, e confuso, buscou o apoio da mântica e interrogou o deus sobre seu erro, se haveria alguma súplica ou absolvição. Recebeu, então, esta resposta oracular: “Todas as coisas inevitáveis perdoa o deus”.

Pois se se admite que, da mesma maneira, entre nós, nenhum oráculo é pronunciado sem metro, mais se pode ficar perplexo sobre os antigos, pois eram dadas respostas tanto com metro como sem metro. Nem um, nem outro, ó jovem, é absurdo, mesmo que nós tenhamos opiniões respeitadas sobre o deus e não consideremos aquele ser o mesmo que compunha os versos e agora inspira à Pítia como se falasse através de personagens.

PLUT. DE PYTH. 27

‘ἔτι τοῖνυν οὐδὲν ἀπὸ ποιητικῆς λόγῳ χρησιμώτερον ὑπάρχει τοῦ δεθέντα μέτροις τὰ φραζόμενα καὶ συμπλακέντα μᾶλλον μνημονεύεσθαι καὶ κρατεῖσθαι. τοῖς μὲν οὖν τότε πολλὴν ἔδει μνήμην παρεῖναι πολλὰ γὰρ ἐφράζετο καὶ τόπων σημεῖα καὶ πράξεων καιροὶ καὶ θεῶν ἱερὰ διαποντίων καὶ ἡρώων ἀπόρητοι θῆκαι καὶ δυσεξεύρετοι μακρὰν ἀπαίρουσι τῆς Ἑλλάδος. ἴστε γὰρ τὸν χῖον καὶ Κρήτινον καὶ ... Νήσιχον καὶ Φάλανθον, ἄλλους τε πολλοὺς ἡγεμόνας στόλων ὅσοις ἔδει τεκμηρίους ἀνευρεῖν τὴν διδομένην ἐκάστῳ καὶ προσήκουσαν ἴδρυσιν ὧν ἔνιοι καὶ διημάρτανον, ὥσπερ Βάττος. ἔδοξε γὰρ ἐκπεσεῖν οὐ καταλαβὼν ἐφ’ ὃν ἐπέμφθη τόπον: εἶθ’ ἦκε δεῦτερον ποτνιῶμενος. ὑπειπὼν οὖν ὁ θεός, αἰ τὺ ἐμεῦ Λιβύαν μαλοτρόφον οἴσθας ἄρειον, μὴ ἐλθὼν ἐλθόντος, ἄγαν ἄγαμαι σοφίην σευ·

οὕτω πάλιν αὐτὸν ἐξέπεμψε. Λύσανδρος δὲ καὶ παντάπασιν ἀγνοήσας τὸν Ὀρχαλίδην λόφον καὶ Ἀλώπεκον προσαγορευόμενον καὶ τὸν Ὀπλίτην ποταμὸν γῆς τε δράκονθ’ υἱὸν δόλιον κατόπισθεν ἰόντα, μάχῃ κρατηθεὶς ἔπεσεν ἐν τοῖς τόποις ἐκείνοις ὑπὸ Νεοχώρου Ἀλιαρτίου ἀνδρὸς ἀσπίδα φοροῦντος ἐπίσημον ὄφιν ἔχουσαν. ἄλλα δὲ τοιαῦτα πολλὰ δυσκάθεκτα καὶ δυσμνημόνευτα τῶν παλαιῶν διεξιέναι πρὸς ὑμᾶς εἰδότας οὐκ ἀναγκαῖόν ἐστιν.’

Tradução do parágrafo 27

E ainda, da poética, nada existe de mais útil à linguagem do que as expressões amarradas e entrelaçadas por metros, que são melhores para recordar e dominar. Os de antigamente, de fato, muita memória guardavam, pois muitas coisas eram indicadas, como os sinais dos lugares, o tempo conveniente para as atividades, templos sagrados dos deuses ultramarinos e sepulcros secretos dos heróis, difíceis de descobrir quando muito se afastam da Hélade. Sabei, pois, Quio, Cretino, Gnesíoco, Falanto e tantos outros comandantes de expedições que deveriam descobrir, por meio de sinais, as fortificações oferecidas e convenientes a cada um. Com efeito, vários se equivocaram, como Bato. Ele julgou ter-se extraviado não encontrando o lugar para o qual foi enviado. Por conseguinte, veio, pela segunda vez, arrastado pelo mar. É assim o deus deu a entender: Ah! Tu de fato não conheces a Líbia de gordos rebanhos, tu que não

foste melhor do que eu que fui: muito admiro tua sabedoria.

E, assim, o despachou de novo. Do mesmo modo, Lisandro, que ignorava completamente a colina Orcálida, também chamada Alópeco, e o rio Hoplita e “a serpente enganadora, filha da terra que vem por trás”, foi naquele lugar vencido em combate e sucumbiu pelas mãos de Neócoro, filho de Haliarto, guerreiro que levava um escudo que tinha como emblema a serpente. Mas essas coisas dos antigos, muito difíceis de conter e de lembrar, não é necessário contar a vós, conhecedores.

PLUT. DE PYTH. 28

‘τὰ δὲ νῦν πράγματα καθεστῶτα, περὶ ὧν ἐρωτῶσι τὸν θεόν, ἀγαπῶ μὲν ἔγωγε καὶ ἀσπάζομαι πολλή γὰρ εἰρήνη καὶ ἡσυχία, πέπανται δὲ πόλεμος, καὶ πλάναι καὶ στάσεις οὐκ εἰσὶν οὐδὲ τυραννίδες, οὐδ’ ἄλλα νοσήματα καὶ κακὰ τῆς Ἑλλάδος ὥσπερ πολυδυνάμων φαρμάκων χρῆζοντα καὶ περιττῶν. ὅπου δὲ ποικίλον οὐδὲν οὐδ’ ἀπόρρητον οὐδὲ δεινόν, ἀλλ’ ἐπὶ πράγμασι μικροῖς καὶ δημοτικοῖς ἐρωτήσεις οἷον ἐν σχολῇ προτάσεις ‘εἰ γαμητέον’ ‘εἰ πλευστέον’ ‘εἰ δανειστέον’ τὰ δὲ μέγιστα πόλεων μαντεύματα φορᾶς καρπῶν πέρι καὶ βοτᾶν ἐπιγονῆς καὶ σωμάτων ὑγείας, ἐνταῦθα περιβάλλειν μέτρα καὶ πλάττειν περιφράσεις καὶ γλώσσας ἐπάγειν πύσμασιν ἀπλῆς καὶ συντόμου δεομένοις ἀποκρίσεως, ἔργον ἐστὶ φιλοτίμου σοφιστοῦ καλλωπίζοντος ἐπὶ δόξῃ χρηστήριον. ἡ δὲ Πυθία καὶ καθ’ αὐτὴν μὲν ἐστὶ γενναία τὸ ἦθος, ὅταν δ’ ἐκεῖ κατέλθῃ καὶ γένηται παρὰ τῷ θεῷ, πλέον ἀληθείας ἢ δόξης ἐκείνη μέλει καὶ ἀνθρώπων ἐπαινούντων ἢ ψεγόντων.’

Tradução do parágrafo 28

Quanto ao estado atual das coisas, sobre as quais interrogamos o deus, eu, pessoalmente, as prefiro e acolho, pois temos muita paz e tranquilidade, cessaram as guerras, as migrações e as divisões políticas. Não existem nem regimes tirânicos, nem doenças e desgraças da Hélade, as quais demandam abundantes remédios e numerosos fármacos. Não há nada secreto, nem diferente, nem terrível, mas perguntas sobre assuntos pequenos e populares, como se fossem premissas de escola: “se casarei”, “se navegarei”, “se empres-

tarei dinheiro”. A maioria das respostas de um oráculo para as cidades se referem à produção de frutos, à cria dos animais, e à saúde dos seres. Então, é possível envolver em metros, inventar perifrases e juntar palavras às questões que requerem respostas simples e concisas. Este é o trabalho de um sofista ambicioso, que embeleza oráculos tendo em vista sua reputação. Mas a Pítia, por si própria, é de caráter nobre, quando ali desce e se aproxima do deus, a ninguém, senão a ela, preocupa a reputação e o louvor ou a censura dos homens.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método. Traducción de Flavia Cosla y Mercedes Ruviluso. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

AMANDRY, Pierre. *La Mantique Apollienne*: Essai sur le fonctionnement de l'oracle. Paris: E. De Boucard Éditeur, 1950.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 12ª edição, 2005.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Rédigé avec le concours de E. Egger. Paris: Hachette, 1950.

BOISACQ, Émile. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*. 4a. edição. Heidelberg: 1950.

BOWDEN, Hugh. *Classical Athens and the Delphic Oracle*: Divination and Democracy. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga Musa*: arqueologia da ficção. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

_____. A adivinhação no mundo helenizado do segundo século. *Revista Clássica*, 4:103-122, São Paulo, 1991.

CANFORA, Luciano. *Teorie e Técnica della Storiografia Classica*: Luciano, Plutarco, Dionigi, Anonimo su Tucidade. Roma: Editori Laterza, 1996.

CHADWICK, N. Kershaw. *Poetry and Prophecy*. Cambridge: University Press, 1952.

DELCOURT, Marie. *L'oracle de Delphes*. Paris: Payot, 1955.

DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Tradução de Nícia Adan Bonatti e revisão técnica de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

DODDS, Eric Robertson (1951). *Os gregos e o irracional*. Tradução de Leonor Santos B. De Carvalho; revisão de José Trindade dos Santos. Lisboa: Trajectos, 1988.

FLACELIÈRE, Robert. *Devins et Oracles Grecs*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

FONTENEROSE, Joseph. *Python: a study of delphic myth and its origins*. London: University of California Press, 1980.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

HERÓDOTO. *História*. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

JOHNSON, William A. Dramatic Frame and Philosophic Idea in Plato. *American Journal of Philology*, 119-4 (Whole number 476): 577-598, Texas, Winter 1998.

PESCHANSKI, Catherine Darbo (org.). *La Citation dans l'antiquité: Actes du colloque du PARSA Lyon*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2004.

PLUTARCH. *The Oracles at Delphi*. English translation by Frank Cole Babbitt. London: Harvard University Press, 1969.

PLUTARQUE. *Vies*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière, Émile Chambry & Marcel Juneaux. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1966, v. 7 e 8.

PLUTARQUE. *Pouquoi la Pythie ne rend plus ses oracles en vers?* Texte établi et traduit par Robert Flacelière. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1974.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. 2ª. ed., rev. y con notas e traducción del griego por Antonio Ranz Romanillos. Buenos Aires: El Ateneo, c.1952, v. 1.

PLUTARCO. *Los oráculos de la Pitia*. Introducciones, traducciones y notas por Francisca Pordomingo Pardo y José Antonio Fernández Delgado. Madrid: Editorial Gregos, 1995.

SABBATUCI, Dario. *Scrivere e Leggere il Mondo: Divinazione e Cosmologia*. Roma: Bulzoni, 2000.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

WERNER, Jaeger. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

ON FORM AND CONTENT IN PLUTARCH'S *DE PYTHIAE ORACULIS* DIALOGUE

ABSTRACT

This paper presents the translation of some sections of Plutarch's *The oracles at Delphi no longer given in verse*. Throughout the several comparisons that the characters at the dialogue make, we discuss the relation between the dialogue's composition and the oracle's speech.

KEYWORDS: Plutarch; Delphi; oracle.

